

AO SABER QUE, COM A LEI, DEPOIS DE ABERTO O INQUÉRITO, O AGRESSOR PODE SER PRESO E QUE A DESISTÊNCIA SÓ É POSSÍVEL NA FRENTE DO JUIZ, MULHERES DESISTEM DE DAR QUEIXA

# Na prática, Lei Maria da Penha ainda não trouxe resultados

Rigor da lei fez o número de registros cair em vários municípios da Grande Vitória

ELISANGELA BELLO  
ebello@redegazeta.com.br  
ELAINE VIEIRA  
evieira@redegazeta.com.br

Ao final de uma semana em que a violência doméstica voltou a chocar pela crueldade, uma dura constatação. Após oito meses de vigência, a Lei Maria da Penha tem desestimulado mulheres de denunciar casos de agressão e ameaça praticados pelos companheiros. Comparados à média mensal de ocorrências do início do ano passado, o número de registros caiu em vários municípios da Grande Vitória.

Na maioria dos casos, as vítimas procuram as delegacias especializadas, mas quando ficam sabendo que com a nova lei, depois de aberto o inquérito, o agressor pode ser preso e que a desistência só será possível na frente do juiz, acabam não registrando a queixa.

No início desta semana, mais duas mulheres perderam a vida em situações que mostram a que ponto a violência cotidiana de um sentimento de posse exagerado, pode chegar.

Em Vila Velha, A dona de casa Sara Adelita dos Santos, 22 anos, foi morta a facadas, na

## Sinais de perigo

Fique atenta no relacionamento a dois



### 1. Comportamento controlador

O namorado(a) ou companheiro(a) passa a monitorar os passos do outro, assim como suas decisões. Isso pode ser percebido nas pequenas atitudes, como controlar as ligações para o celular. A desculpa usada é sempre a proteção do companheiro

### 2. Rápido envolvimento amoroso

Em pouco tempo, a pessoa se mostra muito apaixonada. Para ele(a), a pessoa amada é a única capaz de entendê-lo e que sem ela, ele não conseguiria viver

### 3. Perfeição

A pessoa tipicamente violenta desenvolve expectativas exageradas com relação à(o) companheira(o). Começa a interferir no relacionamento dela(e) com a família e amigos, isolando a pessoa

### 4. Sensibilidade exagerada

O homem ou a mulher violenta se sente insultado facilmente, extremamente sensível, com frequência fica de cara amarrada

### 5. Intolerância

A pessoa violenta pode demonstrar crueldade, ou pouca tolerância com animais e crianças. Na relação sexual, desconsidera os desejos da(o) parceira(o)

### 6. Discussão

O abuso verbal pode preceder a violência física. Nas discussões, a pessoa violenta humilha a(o) parceira(o), fazendo-a(o) pensar que ela é incapaz de qualquer coisa sem ela

### 7. Negação

Se já tiver sido agressivo em outro relacionamento, o agressor em geral nega o fato, ou tenta depreciar a pessoa com quem se relacionou

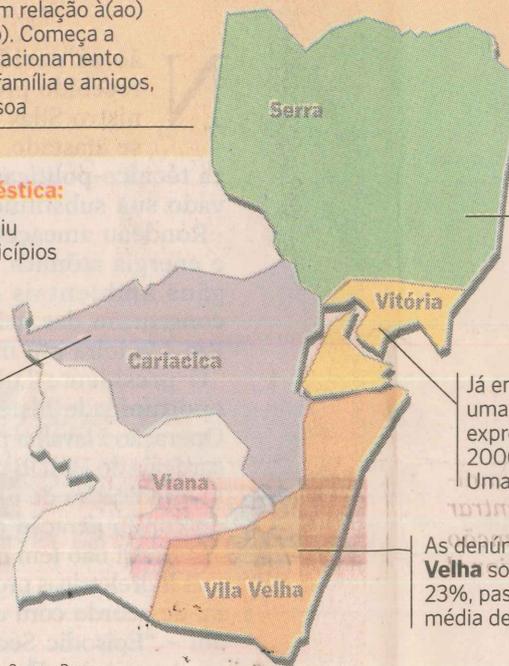
## Os números da violência doméstica:

A média mensal de denúncias caiu consideravelmente em três municípios da Região Metropolitana

Média mensal

### Cariacica

apresentou uma queda de 37%, passando de uma média de 124 denúncias por mês em 2006, para apenas 77 neste ano



Na Serra, a queda foi de 36%, com 165 denúncias em 2006 e 105 este ano

Já em Vitória houve uma alta pouco expressiva: de 97 em 2006 para 104 este ano. Uma diferença de 7%

As denúncias em Vila Velha sofreram queda de 23%, passando de uma média de 197 para 150

Fonte: Polícia Civil e psicóloga Leila Jane Carvalho Samary Proença

A Gazeta - Ed. de Arte - Genildo

## O QUE MUDOU COM A LEI 11.340

■ **Classificação.** A violência doméstica é classificada e tratada numa lei específica, discriminando a violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral

■ **Competência.** A nova lei tira dos juizados especiais a competência de julgar os crimes de violência doméstica e cria juizados específicos para isso

■ **Penas alternativas.** Não podem mais ser aplicadas

■ **Prisão.** A lei possibilita a prisão em flagrante e aumenta a pena para esse ti-

po de crime, que passa a ser de 3 meses a 3 anos. Se a mulher for portadora de deficiência, a pena aumenta em um terço

■ **Desistência.** A mulher não pode mais desistir da denúncia na delegacia se já tiver sido aberto o processo. Depois disso, ela só poderá fazê-lo na frente do juiz

■ **Inquérito.** A nova lei prevê obrigatoriedade de se instaurar inquérito policial, com coleta de provas, e de se colher depoimento do agressor e testemunhas, para remessa à Justiça

## Delegadas reclamam da falta de estrutura

Falta pessoal e espaço específico para atendimento de vítimas e detenção de agressores

No caso de um flagrante, não há onde prender o agressor na casa improvisada. São todos encaminhados para o DPJ de Novo Horizonte.

A falta de estrutura das delegacias desestimula ainda mais as denúncias. Em Vila Velha, desde outubro de 2006 não há plantões nos finais de semana, por falta de condições dos DPJs em receber as vítimas.

A superintendente de Polícia Metropolitana Neusa Glória dos Santos, afirma que o fato de as delegacias especializadas não terem plantões nos fins de semana não compromete o atendimento. "Temos que tentar atender da melhor forma possível com a estrutura que temos".

Acidentados Santos, 22 anos, foi morta a facadas, na frente do filho de 4 anos, pelo ex-marido, Elvis Augusto de Almeida, 29, de quem estava separada havia dois meses. Em Cachoeiro, Ludmila Nascimento Campos, 23 anos, foi morta a tiro em casa, e o principal suspeito é o companheiro, Magno Carvalho da Silva, de 34 anos.

# Mulher morta na Ponta da Fruta procurou delegacia

Sara Adelita dos Santos chegou a prestar queixa, mas não levou as primeiras ameaças a sério

O destino da dona de casa Sara Adelita dos Santos, 22 anos, morta a facadas pelo ex-marido no último domingo, na Ponta da Fruta, poderia ter sido diferente se ela tivesse levado as primeiras ameaças a sério e feito a denúncia.

Responsável pela Delegacia da Mulher em Vila Velha, a delegada Denise Conceição Miranda conta que Sara chegou a ir prestar queixa. “Depois da denún-

cia, marcamos com ela para que levasse as testemunhas em um outro dia, mas ela não apareceu”, lembra.

Dois dias depois do combinado, Sara voltou à delegacia, desta vez acompanhada de seu ex-marido Elvis Augusto de Almeida, que prometeu que não voltaria a incomodá-la.

“A escritã que atendeu os dois disse à Sara que não tinha confiado na promessa e sugeriu que ela voltasse na segunda-feira para dar continuidade ao processo”, conta.

Sara aceitou a proposta, mas não teve tempo de cumpri-la. Foi morta a facadas no dia anterior ao marcado, na frente do filho de quatro anos.

# Vítima desiste de prestar queixa após 3 horas de espera

M., que foi denunciar o ex-marido, não sabe se vai conseguir voltar à delegacia

Depois do fim de um casamento de 20 anos marcado pela violência, a vendedora M. precisou recorrer à polícia em busca de paz para tocar a vida. Seu ex-marido a está perseguindo por todos os lugares, chegando até a incomodar vizinhos e amigos do casal. A gota d'água para M. foi a ida de seu ex ao local onde ela trabalha. “Ele insultou meus colegas de trabalho e fez ameaças de morte, além de me chamar de nomes vulgares na frente de todos”, conta.

M. procurou a Delegacia da Mulher da Serra para fazer a denúncia e pedir segurança. Depois de esperar mais de três horas na recepção da delegacia ouvindo o relato de dezenas de mulheres, que, como ela, têm que prestar queixa na frente de todos, ela foi embora sem o atendimento. A Delegacia fecha às 18 horas.

Com medo do que pode acontecer a ela e a seus filhos, M. voltou para casa sem esperanças e sem o boletim de ocorrência. “Resta a certeza de que não há como impedir que ele faça alguma coisa”, desabafa. M. não sabe se vai voltar à delegacia. “É muito doloroso tomar a decisão de vir até aqui e expor minha vida para quem não tem o mínimo interesse”.

DPJs em receber as vítimas. “Quando não há uma mulher de plantão, os delegados fazem pouco caso das vítimas e chegam a cobrar fianças de R\$ 50 para liberar os agressores em caso de flagrante”, diz a delegada Denise Miranda.

Na Serra, apenas uma pessoa atende às vítimas, em uma recepção sem conforto ou privacidade, para contar suas histórias. Elas chegam a passar horas à espera de atendimento.

Para a delegada Lídia Meireles Daud, de Cariacica, a lei é recente para ser avaliada, e falta estrutura para dar pleno cumprimento. “Falta um juizado especializado. Também precisamos de pelo menos mais dois escritvães. Vejo que o problema é mais social. São pessoas simples. Aqui, acabo virando psicóloga, assistente social porque a gente não tem para onde mandá-las”.

# Estado só conta com duas casas-abrigos

Duas casas-abrigos funcionam hoje no Estado. Uma atende à demanda da Serra e a outra é estadual, recebendo vítimas de violência que corram risco de morte ou que tenham filhos sob ameaça.

“A casa-abrigo é a saída quando a pessoa corre risco de morte, está sendo ameaçada, ou vê os filhos ameaçados. Lá elas recebem atendimento psicológico, social e assistência jurídica”, explicou a coordenadora da Casa-Abrigo Maria Cândida Teixeira, do Estado, Suly Cruz Pironi, que também notou uma demanda menor que a esperada nos sete meses de funcionamento.

“A procura pela casa era grande antes da lei. Depois, a procura caiu. Denunciar o

companheiro pode ajudar, mas coloca em xeque o sentimento que a mulher tem pelo marido”. Desde outubro, a casa já atendeu a nove mulheres. Hoje, uma vítima está abrigada com seus seis filhos. Dois deles, violentados pelo pai.

Na Serra, no Centro de Referência em Política para Mulheres, os números mostram que, na maioria dos casos, é o companheiro quem agride. “Em 95% dos casos, elas são agredidas por seus parceiros”, conta a assistente social Eli-sângela Leal Passos Costa.

Uma vez encaminhadas pela Delegacia da Mulher, elas passam por acompanhamento. Se houver risco de morte, vão para o abrigo, cujo local é mantido no mais completo sigilo.

## Onde denunciar:

- Delegacia da Mulher de Vitória: 3388-2481
- Delegacia da Mulher de Vila Velha: 3137-9195
- Delegacia da Mulher de Cariacica: 3136-3118
- Delegacia da Mulher da Serra: 3255-1171
- Centro de Atendimento à Vítima de Violência e Discriminação de Vitória: 3382-6703
- Disque-Denúncia: 181
- Centro Integrado Operacional de Defesa Social (Ciodes): 190
- Pavivis: O telefone do Programa de Atendimento a Vítimas de Violência Sexual (Pavivis) é 3335-7184. O programa funciona de segunda a sexta-feira, de 7h30 às 18 horas. Nos fins de semana, o plantão é de 24 horas no Hospital Universitário Cassiano Antônio de Moraes (Hucam), em Maruípe, Vitória

## ANÁLISE

Leila Jane Carvalho Samary Proença

# Violência não é só bater

A violência doméstica é uma expressão do desejo de controlar a outra pessoa com quem se está mantendo um relacionamento afetivo. Não é algo que acontece do dia para a noite. As discussões vão ficando mais intensas, e as manifestações de violência se agravam. A pessoa não se dá conta ou, quando isso acontece, está tão envolvida pela situação que não consegue sair sozinha dela. São ameaças sutis que a deixam confusa: pensa estar amando quando já está vivendo algo doentio. Vale lembrar que violência física não é só bater e tem um ciclo peculiar. Começa com uma tensão – agressões verbais e discussões exaltadas –, passa para a fase de agressões mais graves e físicas e é alternada com o que se chama de “lua-de-mel”, quando o agressor faz de tudo para ser perdoado. É nessa fase que muitas mulheres acabam não procurando ajuda especializada.

Leila Jane Carvalho Samary Proença é psicóloga

## DESISTÊNCIA

# 80%

É a média do número de mulheres que chegam a prestar queixa das agressões e desistem dos processos. Das 621 denúncias feitas na Delegacia da Mulher de Vila Velha, de janeiro a abril deste ano, apenas 124 viraram inquéritos policiais. A maioria desses inquéritos é referente a lesões corporais, que, pela nova lei, não precisam mais do aval da vítima para serem investigadas.